

## Práticas de letramento/escrita no contexto da tecnologia digital

Profa. Dra. Fabiana Komesu<sup>1</sup> (UNESP/SJRP)

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani<sup>2</sup> (UNESP/SJRP)

### Resumo:

De uma perspectiva dos estudos da heterogeneidade da escrita (da linguagem), busca-se discutir, neste artigo, aspectos linguísticos e discursivos do chamado “internetês”, com base em questões de pontuação e abreviação.

**Palavras-chave:** heterogeneidade, letramento, internet.

### Abstract:

From a perspective of studies of heterogeneity of writing (of the language), this article aims to discuss linguistic and discursive aspects of the "Internet language", based on questions of punctuation and abbreviation.

**Keywords:** heterogeneity, literacy, Internet.

## O ideal de homogeneidade da língua

Em *Une langue sans qualité*, Canut (2007) reexamina criticamente a ideia segundo a qual a língua constituiria identidade de um indivíduo ou seria fundamento para a legitimação de uma nação. Para a autora, tal concepção, herdeira do essencialismo do fim dos séculos XVIII e XIX, encontra-se, ainda hoje, em discursos institucionais (científicos, políticos, filosóficos), incluídos aqueles que apregoam a “morte das línguas” decorrente de usos diversos, como o das relações internacionais com fins comerciais – mas não somente (no caso, a “invasão” do inglês na língua francesa) e o dos jovens e das mídias. Esses “coveiros da língua” – na expressão de Noguez<sup>3</sup> (1991-1993) retomada por Canut –, os que esqueceriam qualquer “consciência nacional linguística” ou ainda os jovens que “corromperiam a natureza” da língua, não são, porém, privilégio da crítica dos avessos a novas práticas letradas em francês.

Vejamos, por exemplo, algumas consequências das relações entre linguagem e novas tecnologias. É frequente a constatação, a exemplo do que já fora anunciado por Canut, de que o uso de ferramentas de comunicação, reconhecidas pela integração entre usuários em todo o planeta – como bate-papos virtuais e demais sistemas de mensagem instantânea, *e-mails*, *blogs*, *microblogs*, fóruns virtuais, redes sociais, mas também

serviços de telefonia celular –, estaria “alterando a essência” e o funcionamento da língua. Essas mudanças, comumente entendidas como “deterioração”, “degenerescência”, “corrupção”, “enfraquecimento”, “penetração” ou “morte” da língua, não deixam de retomar, da perspectiva da autora, metáforas da área médica ou da sexualidade (do discurso das Ciências Naturais) que colocam em evidência a **iminente ameaça ao ideal de homogeneidade da língua**.

Essa visão apreciativa (depreciativa) sobre a língua parece estar disseminada por e encontrar adeptos em culturas diversas. Dentre os francófonos, Ladjali (2007) critica um suposto “barbarismo” instaurado com o advento de novas práticas de escrita relacionadas a novos suportes materiais, como o computador e o aparelho celular. No cenário anglófono, Crystal (2005) destaca o fato de “a aparente falta de respeito pelas regras tradicionais da língua escrita”, atribuída às novas tecnologias, “horrorizar” observadores “que vêem nesse fenômeno um sinal de deterioração dos padrões” (CRYSTAL, 2005: 91). Em Komesu (2006, 2007, 2008), buscamos discutir manifestações (em enunciados escritos) de falantes de português brasileiro que tornam público ser contrários ao chamado “internetês”, como é popularmente conhecido o português digitado na rede.<sup>4</sup> Essas questões, representativas de práticas sociais letradas que envolvem o cotidiano dos indivíduos de sociedades que querem ser reconhecidas como globalizadas – afinal, trata-se, ao mesmo tempo, de ações que visam à abertura ao que é “de fora” e à manutenção do que seria “próprio” (da língua) do sujeito –, necessitam ser problematizadas e discutidas no âmbito das Ciências da Linguagem.

É ainda Canut (2007) quem observa que as tentativas de defesa de uma língua **pura e verdadeira** em oposição ao que seria **impuro e caótico**, estão fundadas no modelo de uma suposta **língua original**. A questão remeteria tanto a uma “propriedade intrínseca” – “a irreduzível singularidade” da língua – quanto a uma dimensão histórica relacionada a uma pretensa gênese, a uma “pureza original”. As consequências da assunção da noção de língua original são, para a autora, evitar qualquer tipo de alteração provocada pela ação do tempo e “conservar a pureza”, “cultivar a origem” da língua (CANUT, 2007: 59-60). Sob práticas diversas, de fato, esse ideal de pureza da língua tem perdurado até a atualidade. Canut lembra, no cenário francês, a luta de acadêmicos contra empréstimos do inglês; no Brasil, tornou-se célebre, no final dos anos 90, o projeto de lei do deputado federal Aldo Rebelo (PC do B – SP) que dispunha sobre a “promoção, proteção, defesa” da língua portuguesa contra a “invasão silenciosa dos estrangeirismos excessivos e desnecessários” que descaracterizariam “a” língua portuguesa, tomada como fator de integração nacional e expressão da “inteligência criativa e fecundidade intelectual” do povo brasileiro (REBELO, 1999).<sup>5</sup> Fica evidente nessa tentativa de legislação a primazia do conceito de homogeneidade em oposição ao de heterogeneidade da língua (e dos sujeitos).

Para o que nos interessa discutir, daremos destaque a pontos relacionados à percepção do usuário (ou não usuário) escrevente sobre mudanças que ocorreriam na língua como resultado das práticas de linguagem em um contexto sócio-histórico marcado por novas tecnologias de comunicação. De modo particular, focalizamos a relação entre fala e escrita em enunciados escritos, prosseguindo, assim, com as reflexões iniciadas em Komesu e Tenani (2009), retomadas em Komesu e Tenani (no prelo). Contrariamente, porém, a trabalhos em que utilizamos conjuntos de materiais extraídos de páginas *web* em *chats* abertos,<sup>6</sup> propomos analisar e discutir, neste

artigo, anúncio de publicidade em que enunciados escritos para serem veiculados em periódico tradicional (jornal impresso) foram redigidos no chamado internetês, mediante emprego de *emoticons* (“carinhas”), uso não-convencional de pontuação, rébus, ausência de uso convencional de acentuação, emprego de abreviaturas e de grafia não-convencional de palavras que (supostamente) buscam reproduzir características de enunciados falados. De nossa perspectiva, o diálogo entre suporte tradicional impresso e (nova) atividade de escrita convencionada para o ambiente digital coloca em evidência **práticas de letramento** fundadas na relação entre linguagem e novas tecnologias. Coloca também em destaque o conceito de **heterogeneidade da escrita (da língua)** (cf. CORRÊA, 2004) para a problematização desses fenômenos em linguagem.

Inicialmente, pois, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos que orientam nossas reflexões sobre produção escrita e práticas de letramento, mais especificamente, as relacionadas ao contexto digital. Em seguida, apresentamos, de maneira breve, o material que motivou nossa proposta, para, na sequência, fazer considerações sobre a relação fala/escrita e as práticas de letramento/escrita na análise dos enunciados veiculados no anúncio publicitário. Por fim, apresentamos considerações sobre as relações entre linguagem e novas tecnologias em práticas de escrita disseminadas na sociedade.

## **A heterogeneidade da escrita (da linguagem na internet)**

Com base na reflexão de Corrêa (2004) sobre a **heterogeneidade constitutiva da escrita**, recusamos uma noção corrente de escrita e nos aproximamos de uma segunda para pensar a escrita em contexto digital. A noção refutada é a que concebe escrita como modalidade da língua, fundada em aspecto estritamente semiótico. Dada a suposta fixidez no plano, à apreensão visual, os adeptos dessa noção de escrita concebem-na como **não fragmentada, elaborada, planejada, condensada, descontextualizada**, em detrimento a uma modalidade falada que seria **fragmentada, redundante, pouco elaborada, descontínua, sem planejamento algum** (cf. críticas de KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2004b; CORRÊA, 2004).

Acreditamos, com Canut (2007), que é a partir de critério de **pureza** projetado como ideal da língua – e, por extensão, da modalidade escrita – que muitos fazem a crítica aos usos que emergem da internet – incluídos os usos à internet atribuídos em contexto de sala de aula. De nosso ponto de vista, a imagem de degradação da escrita (da língua) pelo uso da tecnologia digital advém do pressuposto de que haveria modalidade pura, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados; enfim, um tipo de escrita sem “interferências da fala”, que deveria ser seguido por todos em quaisquer circunstâncias. Assim concebida, a escrita da/na internet é vista como **degeneração** ou **morte** da língua portuguesa. Esse mesmo conceito é o que, muitas vezes, se atribui aos usos que fazem os indivíduos não dotados da tecnologia da escrita alfabética, ditos analfabetos ou não letrados.

A oposição entre fala e escrita não é, pois, característica dos usos das novas tecnologias. A escrita tem seu valor referendado por ser fato social que está na base de nossa cultura. Esse “império” constitutivo de um

conceito de civilização traz várias implicações para o modo de inserção dos sujeitos na linguagem, em sua relação com o mundo e com os outros sujeitos (GNERRE, 1998; CORRÊA, 2004; CANUT, 2007). Apreendida como tecnologia, a escrita foi (ainda é) tomada por muitos estudiosos em oposição à fala, com características próprias e distintivas, ainda que esforços teóricos tenham sido direcionados à reflexão não mais sobre uma dicotomia, mas sobre um *continuum* de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2004a). No plano metodológico, a contribuição trazida pelo conceito de contínuo é notória quando se tem em vista, por exemplo, o estudo dos gêneros de discurso. Entretanto, acreditamos, com Corrêa (2004), que no plano teórico esse conceito ainda preserva a ideia da subdivisão, agora em vários estratos, embora reconheça a relação entre fatos linguísticos (relação fala x escrita) e práticas sociais (oralidade x letramento).

A segunda noção de escrita, proposta por Corrêa (2004), é a que assumimos em nosso trabalho. Diz respeito a **modo de enunciação**, fundado no encontro entre práticas do **oral/falado** e do **letrado/escrito**, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido. Ao propor esse conjunto de termos, o autor busca ressaltar o caráter indissociável entre práticas sociais e fatos linguísticos; dito de outro modo, destaca a heterogeneidade da escrita em seu caráter de prática social, “pela convivência com outras práticas e não pela proposição (suposição) de fronteiras precisas” (CORRÊA, 2004: 160-161). Ainda segundo Corrêa, no processo da escrita, o escrevente circula por imaginário, socialmente partilhado, sobre a língua em suas diversas manifestações e variedades, imaginário esse que se particulariza para as situações específicas e concretas do uso da escrita e que se estende aos diferentes e instáveis modos de conceber a relação escrita/mundo e escrita/fala. Para o autor, há pelo menos três modos de reconhecimento da heterogeneidade da escrita: (1) em aspectos da representação gráfica; (2) na escrita, como na língua; (3) na circulação dialógica que o escrevente faz ao produzir o texto escrito. No âmbito dessa proposta teórico-metodológica, pode-se observar “as relações reais entre os agentes sociais e a escrita, consideradas as práticas sociais de que, direta ou indiretamente, a escrita faz parte” (CORRÊA, 2004: 9).

A proposição de um modo heterogêneo **da** escrita – e não de uma heterogeneidade **na** escrita, que se poderia supor na concepção do contínuo tipológico – permite que se volte a atenção ao **processo de produção do enunciado**, com seu valor de acontecimento social e histórico, e não somente ao aspecto estrutural de **produto escrito**. A visão tradicional da relação fala/escrita pressupõe a interferência da fala na escrita, com a assunção preconceituosa contra as práticas orais/faladas. Mais do que isso, essa visão implica a necessidade do aprendizado formal (o fator escolaridade) para que se tenha acesso a um **lugar de enunciação legitimado** (pelas instituições), com o **direito da enunciação (pela) escrita**. Esse parece ser o caráter dominante da alfabetização em nosso País, quando privilegia as práticas letradas e os indivíduos dotados da tecnologia da escrita alfabética, desfavorecendo (com preconceito) as práticas orais e os indivíduos alheios ao ensino formal.

A partir da assunção da escrita como modo de enunciação, a ideia de degradação da escrita/língua não mais se sustenta. No chamado internetês, registros frequentes de abreviação; omissão de acentuação gráfica; repetição de vogais e modificações do registro gráfico; as chamadas risadinhas; o uso não-convencional de sinais de pontuação (reticências, exclamação, interrogação, vírgula), podem ser associados às possibilidades de registro

gráfico-visual de certos padrões rítmico-entoacionais que são assim registrados pelo sujeito na heterogeneidade da escrita, e não à degradação da escrita do Português (CHACON, 1998; TENANI, 2007). A assunção da tese da heterogeneidade permite ao analista justificar a presença de fatos linguísticos da enunciação falada na enunciação escrita. Permite também refletir sobre **práticas de letramento/escrita** constitutivas das atividades dos sujeitos escreventes em contexto de tecnologia digital.<sup>7</sup>

Com efeito, concebemos com Corrêa (2001) uma **concepção ampla de letramento** (em oposição ao que identifica como um “sentido restrito”, associado à alfabetização), na qual seja possível avaliar os usos dos (e os próprios) sujeitos de modo histórico, desvinculado das práticas canônicas de leitura e escrita. Segundo o autor, essa concepção de letramento é **anterior** à alfabetização e está ligada ao caráter escritural de certas práticas, presente até mesmo em comunidades consideradas como de oralidade primária (cf. CORRÊA, 2001: 136 ss.). Essa noção permite que se pense em **diferentes graus de acesso ao letramento**, como salienta o próprio autor, o que modifica não somente a concepção de políticas públicas de ensino de língua materna, mas também o modo como a sociedade atualmente concebe os sujeitos que atuam e se constituem pela linguagem, incluídos os escreventes no âmbito das novas tecnologias.

Nossa proposta, portanto, para a investigação das práticas de letramento/escrita em enunciados produzidos em contexto digital – mas não somente – é a junção de teorias discursivas, que privilegiam aspectos sociais e históricos da constituição do sujeito, e teorias fonológicas, que permitam explicitar elementos do trabalho do sujeito com a produção de enunciados escritos, levando em conta características dos enunciados falados, como procuramos discutir adiante.

## **Práticas letradas/escritas em “internetês”**

Tomamos como material de análise anúncio veiculado na primeira página do *Caderno 2* do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 6 de julho de 2005 (data que coincidia com o início das férias escolares). Trata-se da divulgação de serviços e de lojas no *Shopping Villa-Lobos*, localizado em área nobre da cidade de São Paulo. O anúncio, que ocupa 75% da página do jornal, é impresso em tons de cor-de-rosa e traz a imagem de uma jovem sorridente, esguia, de cabelos castanho-claros anelados e longos. A adolescente, vestida com minissaia descontráida, procura equilibrar bolsa cor-de-rosa, chaveiros de pelúcia, celular e inúmeras sacolas de compras coloridas e divertidas, enquanto encena “falar” ao aparelho. A imagem centralizada da garota é circundada por “caixas de textos” escritos em cor preta, referência a “falas” de personagem em histórias em quadrinhos. O desenho da fonte do texto remete a caracteres de teclado de computador e/ou de aparelho celular. Interessa-nos destacar que o modo de enunciação escrito retoma, como dito, traços mais frequentemente atribuídos ao chamado internetês, mas em contexto de mídia tradicional impressa. A instituição da publicidade, com sua “sensibilidade” para o mercado, parece ter captado a importância do uso de determinadas características linguísticas do internetês como “modo de existir no mundo”.

Transcrevemos o texto do anúncio publicitário e passamos a comentar características relevantes para a discussão que ora desenvolvemos.

uhuuuuww  
aula soh nu mes q vem...  
huahuahuaaa.

mto loko!!!!!!  
Vem no Animatoon...  
Espaço do Cartoon  
Network e da SKY  
p/ faze desenho  
animadu :-)

Vem logo... Aki tem  
7 cinemas... mto  
filme iraduuu... rrsr

soh tem loja xou...  
To t sperandu n  
dmora hein =)

ti adoro mto!!!  
to c saudad :-)  
heheheheh

Eiiii abriu akla  
loja mto fofinha...  
Vc tem q v....!!!!

9dades:  
YEP moda infantil  
PETIT BEBE moda infantil  
PIRLIMPIMPIM calçados infantis  
MONTANA GRILL fast-food  
Lilás conserto de jóias  
NEM moda feminina

Entre as características mais facilmente identificáveis do internetês está o **uso de *emoticons***, as chamadas “carinhas” da internet. Os *emoticons* são usados com certa regularidade em enunciados na rede, embora sejam marcadamente reconhecidos em práticas letradas/escritas de *chats* e mensagens instantâneas, em *e-mails*, em *blogs*, *microblogs* e em demais ferramentas em que o modo de enunciação pressupõe proximidade, familiaridade ou intimidade entre os interlocutores. Os *emoticons* são construídos a partir de sinais de pontuação utilizados na escrita alfabética e são empregados para a expressão de sentimentos humanos, como os de alegria :-) ou de tristeza :-( (cf. KOMESU, 2002). Salientamos o que o emprego dessas “carinhas” é justificado pelo uso instrumental do teclado do computador, que requer do escrevente a utilização de teclas que representam sinais gráficos da escrita alfabética. Consideramos que a escrita de *emoticons* é concebida como modo de leitura “horizontal” que demanda do leitor competência para inclinar a cabeça para o lado esquerdo e, desse modo, visualizar determinada expressão facial humana. Pode-se dizer que os *emoticons* são empregados na escrita no

contexto digital visando à representação de contexto oral/falado de enunciação; busca-se, assim, recuperar características dessas práticas por meio de aspecto sintagmático dos elementos que se relacionam segundo determinada ordem nos enunciados digitais.

Acreditamos também que o emprego dos *emoticons* cumpre a função de “comentar” o comentário do enunciador; no exemplo do anúncio, primeiro, a respeito de atividade de recreação e lazer e, segundo, a propósito de manifestação (pública) de afeto. O que justifica seu uso em anúncio publicitário é o valor que se encontra agregado ao produto anunciado, o de *shopping* jovial e “atenado” com as tendências, incluídas as de um público que teria o mês todo de férias para frequentar (consumir) aquele local repleto de “9dades”. Destaca-se que “9dades”, uma forma de rébus – ou seja, uma grafia em que o algarismo “9” não está para representar a quantidade, mas a sequência fônica “nove” a qual pode ser homófona (quando realizada como “nov[i]”) às duas primeiras sílabas de “novidades” –, é mais uma característica da escrita na internet, a qual corrobora a projeção de imagem de *shopping* moderno, dirigida a um público jovem que lê “novidades” a partir de uma forma “nova” de grafar as palavras. Ao lado dos *emoticons*, certas sequências como “uhuuuuww”, “huahuahuaaa”, “rsrsr”, “hehehheh” também cumprem a função de explicitar, de maneira característica do internetês, sentimentos, emoções de euforia, alegria e descontração atribuídos à juventude, o que imprimiria ao texto tom “mais expressivo”, na visão dos usuários dessa prática de escrita.

Há ainda **uso não-convencional da pontuação** quer pela presença para mais dos sinais de pontuação, como os vários pontos de exclamação em “mto loko!!!!!!”, quer pela recorrente presença de um mesmo sinal de pontuação, como as reticências ao longo do texto em análise, onde, alternativamente, outros sinais poderiam ser empregados segundo as convenções de uso da pontuação. Um exemplo desse segundo uso da pontuação pode ser dado por meio da sequência “Vem logo... Aki tem / 7 cinemas... mto / filme iraduuu... rsrsr” (onde as barras indicam ocorrência de quebra de linha no texto original) que poderia ser grafada como “Vem logo! Aki tem 7 cinemas. Mto filme iraduuu! rsrsr”. Por meio desse trecho do texto em análise, evidencia-se a possibilidade de emprego de <!> e <.> onde foram usadas reticências.<sup>8</sup> Esses usos não-convencionais da pontuação (que seriam empregados para – supostamente – tornar o texto mais “expressivo”) são, por vezes, vistos como possíveis problemas para os escreventes, especialmente para aqueles em fase de aquisição de escrita, em situação formal, como é o caso de crianças e adolescentes no Ensino Fundamental e Médio. Por meio de estudo dos usos de pontuação em textos de 120 alunos do último ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública paulista, não identificamos, porém, evidências a favor dessa tese.<sup>9</sup> Os chamados erros de pontuação que encontramos dizem respeito à complexidade enunciativa dos gêneros do discurso aos quais os alunos buscam alçar, ou seja, os usos não-convencionais da vírgula em narrativa são distintos daqueles encontrados em texto de opinião redigido pelos mesmos alunos. Esses “erros”, por sua vez, não podem ter – ao menos a partir dos dados de que dispomos – a sua motivação atribuída às práticas de escrita na internet desses mesmos alunos.

Além dos usos não-convencionais dos sinais da pontuação, identifica-se como outra característica do internetês **a ausência do uso convencional da acentuação**, como em “soh” (“só”), “mes (“mês”). No primeiro exemplo, o acento agudo <´> não é empregado e, simultaneamente, é usado <h> após a vogal que

receberia o sinal gráfico; no segundo exemplo, o acento circunflexo < ^ > está ausente. Destacamos que, em ambos os casos, a ausência do sinal de acentuação conforme as convenções ortográficas não implica, necessariamente, o não reconhecimento das palavras por “ineditismo” da prática letrada/escrita; lembramos que o telegrama, concebido como forma de correspondência para comunicações urgentes, impõe ao texto o “estritamente necessário para a compreensão do assunto”. Nessa motivação por “economia”, não há registro de acentos gráficos (ou de falta de compreensão). Há, sim, acréscimo de <h> após vogal que receberia acento gráfico.<sup>10</sup>

Outra das características do internetês, presente no texto de publicidade transcrito, é a **presença de abreviaturas**, a saber (em ordem que figuram no texto): “q” (“que”), “mto” (“muito”), “p/” (“para”), “t” (“te”), “n” (“não”), “dmora” (“demora”), “c” (“com”), “akla” (“aquela”), “vc” (“você”), “v” (“vê”). Podemos agrupar essas abreviaturas em dois grandes tipos, tendo como critério características do processo de abreviação das palavras envolvidas. Assim, identificamos características comuns às seguintes abreviaturas: (i) “q” (“que”); “t” (“te”); “dmora” (“demora”), “akla” (“aquela”), “v” (“vê”), “vc” (“você”); e (ii) “mto” (“muito”), “p/” (“para”), “n” (“não”), “c” (“com”).<sup>11</sup>

No primeiro grupo, identifica-se como traço comum o fato de o nome da letra ser a “chave” de leitura e identificação da palavra abreviada.<sup>12</sup> Por exemplo, a letra <q> é nomeada [ke], a mesma sequência sonora possível para “que”.<sup>13</sup> Partilham da mesma característica as abreviaturas “t” (por a letra <t> ser lida como [te], sendo homófona a uma possível realização de “te”) e “v” (por a letra <v> ser lida como [ve], sendo homófona à realização de “vê”). Também em “dmora” a ausência da vogal <e> é possível de ser recuperada a partir do nome da letra <d>, ou seja, [de]. Esse mesmo funcionamento pode ser inferido em “akla”, embora a sílaba “que” de “aquela” não possa ser lida a partir do nome da letra <k> (a saber, [ka]). Fica para o leitor o trabalho de lidar com a informação de que [k] é uma das realizações do dígrafo <qu>, como em “[k]ero”. Na mesma linha de análise, pode-se incluir “vc”, uma vez que apenas a sílaba [se] pode ser lida a partir do nome da letra <c>, ficando, mais uma vez, ao leitor a tarefa de preencher com a vogal pertinente para ler [vose] a partir de “vc”. Desse modo, a ausência de vogais, comum a essas abreviaturas, é facultada pelo fato de ser possível recuperá-las por meio do nome das consoantes. Nota-se que o não registro de vogais pode ter motivações distintas (por vezes, simultâneas), sendo, nesse caso, decorrente de processo de abreviação, ou, como mostraremos mais a frente, por representação de certas características da fala. Essas possibilidades alternativas de descrição das características da escrita na internet corroboram, de nossa perspectiva, a tese da heterogeneidade da escrita; a possibilidade de leitura e de entendimento aponta, por sua vez, para práticas letradas/escritas partilhadas na sociedade.

No segundo grupo de abreviaturas, identifica-se o emprego de uma letra para representar uma sílaba cuja realização não é a mesma do nome da consoante empregada, como em “mto” (“muito”), cuja sílaba “mui” não partilha de sons vocálicos com o nome da letra <m>, a saber [me] ou [eme]. O mesmo ocorre em “p/” (“para ~ pra”), pois [pe] é o nome da letra <p>; em “n” (“não”), pois [ne] ou [ene] é o nome da letra <n>, e em “c” (“com”), pois [se] é o nome da letra [c].<sup>14</sup> Da análise desse e do grupo anterior de abreviaturas, explicita-se o

quanto a abreviatura não é escrita “fonetizada”, mas – contraditoriamente ao que se afirma na imprensa, por exemplo – revela possibilidade de representação escrita da língua, dada uma prática social letrada/escrita.

Outra característica apontada como do internetês é a **grafia não-convencional de palavras que (supostamente) pretendem reproduzir características dos enunciados falados** – a chamada escrita “fonetizada” –, a saber:

- (i) o registro de formas reduzidas do verbo “estar”, como “to” para “estou”;
- (ii) a repetição de vogais para representar alongamento de sílabas, como “iraduuu” e “Eiiii”;
- (iii) a grafia <i, u> para representar a realização [i, u] das vogais postônicas finais quando a ortografia prevê <e, o>, respectivamente, como em “animadu” (“animado”), “iradu” (“irado”), “sperandu” (“esperando”), “ti” (“te”), “nu” (“no”);
- (iv) o não-registro de grafemas para representar o possível apagamento de segmentos consonantais – como o <r> final em “faze” (“fazer”) – e vocálicos – como <u> em “loko” (“louco”), em contexto de ditongo, como <e> em “sperandu” (“esperando”), em posição inicial de palavra, e em “saudad” (“saudade”),<sup>15</sup> em posição final de palavra;
- (v) o registro de grafema que pretende representar som de dígrafo, como <k>, no lugar do dígrafo <qu>, que representa o som [k], em “aki” (“aqui”), e <x>, no lugar do dígrafo <sh>, que representa o som [S],<sup>16</sup> em “xou” (“show”). Nota-se que <k> foi empregado em “loko” para representar o som [k] que a letra <c> assume diante de <o>.

Cabe destacar que ao lado de grafias que – como acabamos de apontar – têm motivação, possivelmente, em características dos enunciados falados, identificamos “desenho”, “logo”, “adoro”, cujas grafias das vogais finais seguem a convenção ortográfica (diferentemente de, por exemplo, “iradu” analisado no item (iii) acima), embora sejam vogais que, nos enunciados falados, possivelmente sejam realizadas como [u]. Ou seja, em internetês, os enunciados escritos não são transcrição sistemática de todas as características dos enunciados falados. Essa flutuação entre a convenção e a não-convenção pode ser vista como mais um “problema” dessa prática de escrita em emergência. Contrários a essa visão, propomos, alternativamente, que essas grafias não-convencionais, bem como a flutuação identificada, sejam concebidas como “fissuras” que permitem observar o funcionamento da escrita e, de modo mais amplo, o das práticas sociais (letradas/escritas) em linguagem.

A fim de tornar mais clara nossa argumentação, focalizamos, a seguir, dois trechos do texto em análise, a saber: “To t sperandu” e “ti adoro mto!!!”. Mais especificamente, lançamos luz sob as grafias “t” e “ti” e perguntamos: o que revelam essas grafias diferentes, já que, na fala, poderiam ser igualmente realizados como [ti]? Recuperando a grafia convencional, teríamos “te esperando” e “te adoro” para as duas sequências em destaque. Supondo uma realização possível dessas mesmas sequências, teríamos “t[i i]sperando” > “t[i]sperando” e “t[i a]doro” > “t[ia]doro”. Em ambas as sequências, “te” se junta à palavra que se segue, formando uma única unidade na fala, uma palavra prosódica<sup>17</sup> (cf. BISOL, 2004). Portanto, mais uma vez, diferentes grafias – ambas distintas da convencional – não são, necessariamente, ancoradas em possível característica da fala. Desse modo, explicitamos ser contrários à ideia de que aspectos dos enunciados falados

poderiam motivar a chamada “escrita fonetizada” e, simultaneamente, sustentamos a tese da heterogeneidade da língua(gem) quanto a fatos linguísticos da enunciação falada na enunciação escrita. Argumentamos que o internetês não é escrita por meio da qual características da fala são transcritas para a escrita – não se trata, pois, de relação de influência! Trata-se de colocar em evidência a relação que o escrevente estabelece com práticas sociais diversas e modos de representação construídos sobre a (sua) escrita, sobre o (seu) interlocutor e sobre si mesmo (CORRÊA, 2004).

## Considerações finais

As pesquisas realizadas sobre linguagem e novas tecnologias têm enfatizado o estudo da relação oralidade/escrita, como observa Vieira (2005). Para a autora, trata-se de estudos que privilegiam a investigação dos gêneros digitais emergentes, sobretudo, quanto a aspectos funcionais e operacionais, ao lado de estratégias e propósitos dos sujeitos. Vieira reconhece que uma abordagem dicotômica sobre relação fala/escrita é “hoje insustentável”, entretanto, observamos que os estudos sobre relação fala/escrita em enunciados digitais ainda focalizam questões como **interferência da fala na escrita**, **marcas de retextualização do falado no escrito**, **hibridismo da língua** (falada/escrita) e **necessidade de definição da escrita na internet como diálogo oral ou escrito** (VIEIRA, 2005: 26-29).

Crystal (2005), por exemplo, cunha o termo *netspeak* para fazer referência a formas consideradas inéditas de expressão escrita, com inclusão de símbolos audiovisuais (*emoticons*) e de *hiperlinks*. Para o autor, a “fala da rede” é consequência dos avanços tecnológicos e da competência cognitiva de seus usuários, relacionados a uma **economia** própria da língua. Em sua avaliação, “uso exagerado de ortografia, pontuação, letras maiúsculas, espaçamento e símbolos especiais para ênfase” são “esforços” na tentativa de “substituir o tom de voz na tela” quando da atividade do escrevente (CRYSTAL, 2005: 85). De nosso ponto de vista, interessa destacar que a discussão sobre linguagem da/na internet, para Crystal (2005), está circunscrita a uma distinção entre **fala**, considerada a informalidade da conversação face a face, e **escrita tradicional**, considerados traços como elaboração e planejamento. É, pois, de certa perspectiva que propõe a divisão que Crystal propõe a investigação do *netspeak*. Também de uma perspectiva que distingue fala e escrita, Martin (2007) propõe que a linguagem na internet seja concebida como “estrutura híbrida” constituída de suporte escrito para expressão de mensagem e de expressões da modalidade falada. Para Martin, a escrita na internet é a “exteriorização do código oral”, dadas as particularidades dessa nova linguagem digital, marcada por “grafias fonetizadas”, apócopies e aféreses típicas desse “falar rápido” na rede.

Autores como Marcuschi (2004a), por sua vez, propõem parâmetros para identificação de gêneros em emergência, fundados em critérios como **relação temporal**, **duração da interação**, **extensão** e **formato do texto**, **número de participantes** e **tipo de relação por eles estabelecida**, entre outros. Se, por um lado, podemos pensar que propostas como essas têm a vantagem de conceber a língua como fenômeno dinâmico, por outro, parecem apresentar baixo potencial explicativo e descritivo dos fenômenos sintáticos, morfológicos e

fonológicos da língua. Reconhecemos a importância dos estudos que privilegiam a dinamicidade da linguagem; nosso foco, entretanto, está na possibilidade de propor ao analista uma **visão** outra sobre as relações de sentido resultantes de atividades em contexto digital. Poucos são, de fato, os estudos que levam em conta aspectos estruturais e formais e, em número menor ainda, são aqueles que procuram observar a escrita na internet segundo uma possibilidade de realização da língua e do discurso.

A concepção do modo heterogêneo de constituição da escrita tem relação com nossa reflexão porque implica noção de escrita e de língua constituídas dialogicamente, na heterogeneidade de suas relações com os sujeitos. A assunção de uma teoria fonológica das características segmentais e não segmentais (ou prosódicas), por sua vez, permite-nos refletir, de maneira mais sistemática, sobre os fatos linguísticos da enunciação falada na enunciação escrita. É essa tentativa de encontrar pontos de diálogo possíveis entre teorias distintas que nos interessa investigar, ao mesmo tempo em que nos interessa apreender e caracterizar a heterogeneidade da linguagem no estudo de práticas sociais diversas na atualidade.

Cumprido, por fim, dizer algumas palavras sobre por que, em tempos de franca defesa da língua – tomada em sua pretensa pureza e homogeneidade –, a administração de um reconhecido *shopping* teria consentido na produção e veiculação de anúncio, divulgado em território nacional, que pode ser interpretado, por uma parcela da população, como apologia ao “erro” e ao “caos gramatical”.

Talvez não seja evidente que, de um lado, há a representação que o escrevente faz de seu leitor na produção textual e, de outro, há o público efetivo, leitor que se dispôs a ler o texto, no caso, o anúncio de publicidade. Maingueneau (2004) considera que essa oposição entre “público que o texto implica por suas características” e “público efetivo” é característica da noção de **leitor modelo**, cuja importância nos estudos discursivos está ligada à crítica que a teoria linguístico-discursiva faz da comunicação como processo linear e não como processo de enunciação. Para Maingueneau, a noção de leitor modelo pode ser usada nos dois sentidos, mas ela só diz respeito aos estudos da Análise do Discurso se é especificada em função dos textos que se estudam (MAINGUENEAU, 2004: 298-299).

No caso da peça publicitária, o leitor modelo, aquele que o texto implica por suas características composicionais, é o jovem que “responde” às novas tendências, que é constituído pelas novas tecnologias. Atento, ele simplesmente “sabe”: o que vestir (segundo as novas grifes), o que assistir (segundo a programação de canais da televisão paga ou de salas de cinema), o que dizer e como dizer ao outro sobre a necessidade premente de se divertir, afinal, é tempo de férias e, portanto, não há razão alguma para escrever “como se estivesse na escola” – aula só no mês seguinte. O leitor modelo do anúncio publicitário “sabe”, em sua prática, que pode empregar *emoticons*, utilizar modo não-convencional de pontuação, fazer uso de rébus, não pontuar segundo a convenção gramatical, escrever abreviaturas e demais grafias que (supostamente) reproduzem características da fala. O leitor deve, pois, participar do texto de modo a legitimá-lo e legitimar o enunciador (a instituição), numa atitude responsiva esperada; o coenunciador deve se valer, pois, de sua **competência discursiva** para “entrar” na cenografia da publicidade (MAINGUENEAU, 2001).<sup>18</sup>

Trata-se, portanto, de práticas de letramento/escrita que emergem no contexto das novas tecnologias. Partilhadas preferencialmente dentre aqueles que têm acesso a e possibilidade de consumi-las, a esses não se restringem. Na instauração de uma enunciação dividida, cabe, ainda, destacar que à instituição da publicidade não passou despercebida nem mesmo a função de quem paga as contas do adolescente frequentador de *shopping*: ao enumerar os nomes das novas lojas presentes no espaço destinado ao consumo, a grafia da definição do serviço obedece às convenções da norma culta padrão (“moda infantil”, “calçados infantis”, “moda feminina”, “conserto de jóias”);<sup>19</sup> “escapa”, porém, ao mais fiel defensor da língua, o que é tomado como estrangeirismo – *fast-food* – no ideal de homogeneidade da língua que ainda persiste nas relações sociais.

## Referências Bibliográficas

BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *Delta*, v.20: Especial, 2004. p.59-70. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v20nspe/24261.pdf>>.

CANUT, C. *Une langue sans qualité*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007. p.49-68.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CONCEIÇÃO, R. I. S. *O professor de Língua Portuguesa na visão de formandos em Letras*. São Paulo, 2008. 300f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2008. Orientador: Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

\_\_\_\_\_. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Trad.: Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FUSCA, C. J. *TC CMGO?: estudo sobre a abreviação na internet*. São José do Rio Preto, 2007. 38f. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica). Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, 2007. Orientador: Profa. Dra. Fabiana Komesu.

\_\_\_\_\_. *VC TC D OND?: a abreviação (de distâncias) na internet*. São José do Rio Preto, 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, previsto para 2010. Orientador: Profa. Dra. Fabiana Komesu; coorientador: Profa. Dra. Luciani Ester Tenani.

GALLI, F. C. S. *Ciberespaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as "novas" práticas contemporâneas*. Campinas, 2008. 204f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística Aplicada, 2008. Orientador: Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KOMESU, F. C. A modalidade escrita nas páginas eletrônicas pessoais da internet: o uso de *emoticons* e de “risadinhas”. *Sínteses*, v.7, 2002. p.167-180.

- \_\_\_\_\_. Internetês para interneteiros: (velhas) questões sobre escrita. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v.XXXVI, 2007. p.1000 - 1007.
- \_\_\_\_\_. Visões da língua(gem) em comentários sobre “O internetês não é língua portuguesa”. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v.8, 2006. p.425 - 437.
- \_\_\_\_\_. “Num sabi neim iscreve i fik disfarssandu”: a polêmica como interincompreensão em comentários sobre internetês In: POSSENTI, S.; BARONAS, R. (orgs.) *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. 1 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 49-70.
- KOMESU, F.; TENANI, L. E. A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital. *Scripta* (PUCMG). No prelo.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre o conceito de internetês nos estudos da linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, v.9, 2009, p.621-643.
- LADJALI, C. *Mauvaise langue*. Paris: Seuil, 2007.
- LUIZ SOBRINHO, V. V. *A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais na internet*. São José do Rio Preto, 2007. 103f. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica). Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2007. Orientador: Profa. Dra. Fabiana Komesu.
- \_\_\_\_\_. *Ausência de vírgulas em bate-papos virtuais produzidos por crianças: um enfoque prosódico e discursivo*. São José do Rio Preto, 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, previsto para julho de 2010. Orientador: Profa. Dra. Fabiana Komesu.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. De Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Verbete leitor modelo*. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (orgs.) *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. da trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004. p.298-299.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_. & XAVIER, A.C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a. p.13-67.
- \_\_\_\_\_. Oralidade e letramento. In: \_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004b. p.15-43.
- MARTIN, M. *Le langage sur l'internet: un savoir-faire ancien numérisé*. Paris: L'Harmattan, 2007.
- REBELO, A. Projeto de lei nº. 1676. 1999.
- SONCIN, G. C. N. *O uso não-convencional da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental: possibilidades de identificação dos constituintes prosódicos*. São José do Rio Preto, 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, previsto para 2012. Orientador: Profa. Dra. Luciani Ester Tenani.
- \_\_\_\_\_. *Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental*. São José do Rio Preto, 2009. 70f. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica). Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2009. Orientador: Profa. Dra. Luciani Ester Tenani.

TENANI, L. E. Reflexões sobre a ortografia usada na internet. In: SEMANA DE PEDAGOGIA, 4, 2007, São José do Rio Preto. (mimeo)

VIEIRA, I. L. Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (orgs.) *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-29.

---

<sup>1</sup> **Fabiana KOMESU, Profa. Dra.**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto (SP)  
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE)  
E-mail: [komesu@ibilce.unesp.br](mailto:komesu@ibilce.unesp.br)

<sup>2</sup> **Luciani Ester TENANI, Profa. Dra.**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto (SP)  
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE)  
E-mail: [lu.tenani@sirp.unesp.br](mailto:lu.tenani@sirp.unesp.br)

<sup>3</sup> NOGUEZ, D. *La colonisation douce, Feu la langue française?* Paris: Arlea, 1991-1993, p.109, 121 *apud* CANUT, 2007.

<sup>4</sup> Trata-se de artigos produzidos no âmbito de projeto de pesquisa mais amplo, intitulado *Oralidade e letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital*, desenvolvido na UNESP, câmpus de São José do Rio Preto (SP), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no período de 2005 a 2009 (processo 04/14887-8).

<sup>5</sup> Levando-se em consideração as condições de produção do(s) discurso(s), é relevante destacar que a criação do projeto de lei n.º. 1676, de 1999, ocorreu em meio às comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil. Segundo o autor do projeto, aquele momento histórico, por muitos tomado como ufanista, constituiu-se como “oportunidade ímpar” para discutir não apenas o período colonial, a formação do conceito de nação, o patrimônio histórico, artístico e cultural do Brasil, mas também – “muito especialmente”, nas palavras de Rebelo – a questão da língua portuguesa como fator de “integração nacional”. A respeito de um sentimento de integração dos indivíduos por meio da noção de língua, Conceição (2008) explicita a dupla face do conceito de **língua semióforo** (LS): “face homogeneizadora das variedades linguísticas”, “capaz de conter a diversidade linguística” e “face acolhedora de diferentes variedades linguísticas”, “capaz de promover a unidade na diversidade”. Interessa-nos destacar, com a autora, que a noção de LS permite refletir sobre a relação entre língua e sujeitos (escrevintes), tanto em favor do conceito de homogeneidade quanto na consideração da heterogeneidade da língua.

<sup>6</sup> Referimo-nos a conjuntos de materiais formados de páginas *web* coletadas em *chats* abertos, de caráter público e informal, supostamente frequentados por crianças na faixa etária de 08 a 12 e de 10 a 15 anos. Os materiais foram coletados, com outros objetivos, no segundo semestre de 2006, por Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho e Carla Jeanny Fusca, atualmente alunas do Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/São José do Rio Preto (SP). Na ocasião, desenvolviam projetos de pesquisa em nível de Iniciação Científica, vinculados a projeto de pesquisa mais amplo, já mencionado.

<sup>7</sup> Por fim, poderíamos pensar que a presença de fatos linguísticos da fala na escrita e a emergência de práticas de letramento/escrita no âmbito do computador com acesso à internet representa a identidade de grupo ou comunidade que quer se reconhecer por elas e por elas ser reconhecido.

<sup>8</sup> Uma descrição dos usos não-convencionais dos sinais de pontuação em *chat*, particularmente os da vírgula, foi desenvolvida por Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho em nível de Iniciação Científica (2007, FAPESP 2007/01702-8) e, atualmente, em nível de mestrado (2008-2010, FAPESP 2008/01879-8), sob orientação da Profa. Dra. Fabiana Komesu, na UNESP/SJRP.

<sup>9</sup> Trata-se da pesquisa de Iniciação Científica (FAPESP 2008/04683-7) concluída em 2009 e da pesquisa de mestrado (FAPESP 2009/11416-8) em andamento (2010-2012), ambas conduzidas por Geovana Carina Neri Soncin, sob orientação da Profa. Dra. Luciani Tenani, na UNESP/SJRP.

<sup>10</sup> É interessante observar que essa prática, que visa antecipar eventuais equívocos no processo de leitura, é também motivada por (ausência de) recursos no suporte material do telégrafo, que não registra sinais de pontuação ou acentos gráficos. Se se pensar no surgimento do computador e na adoção de teclado de padrão americano pelos primeiros consumidores da tecnologia, encontra-se justificativa para o escrevente – por exemplo, em língua portuguesa – que não tinha disponíveis recursos no suporte material, não redigir acentos gráficos na prática letrada/escrita do computador.

<sup>11</sup> Verifica-se que a abreviatura “p/” circula em vários e outros meio que não o digital, não sendo, portanto, exclusiva do internetês. Também observa-se o uso da abreviatura “c/”, ao lado de “p/”, mas o emprego da barra após a consoante – prática letrada comum para indicar a abreviatura – não foi sistematicamente empregado.

<sup>12</sup> Vale chamar a atenção para o fato de haver, no Brasil, mais de uma forma de nomear algumas letras, como, por exemplo, a letra <f> nomeada por [fe] em certas variedades do nordeste brasileiro e por [éfe] em certas variedades do sul e sudeste brasileiro. Levamos em consideração nesta análise dos dados as pronúncias das letras do alfabeto na região sudeste, tomando como critério o fato de o *Shopping* Villa-Lobos estar localizado em São Paulo, embora a diversidade linguística possa ser verificada em São Paulo, dadas as características de metrópole nacional.

---

<sup>13</sup> Observamos que “que” pode ser realizado como [ki] e “te” (analisado em seguida) pode ser realizado como [ti] ou [tSi] (em que /t/ é palatalizado), na variedade da região sudeste onde se localiza o *shopping* paulista responsável pela veiculação do anúncio publicitário.

<sup>14</sup> Uma descrição das características das abreviaturas identificadas em *chat* foi desenvolvida por Carla Jeanny Fusca em nível de Iniciação Científica (2007) e, atualmente, em nível de mestrado (2008-2010), sob orientação da Profa Dra. Fabiana Komesu e coorientação da Profa. Dra. Luciani Ester Tenani, na UNESP/SJRP.

<sup>15</sup> A grafia de “saudad” também, em princípio, poderia ser analisada como abreviatura na medida em que a vogal <e> pode ser recuperada do nome da letra <d>. Optamos por manter essa grafia como exemplo de representação de característica da fala – com o apagamento da vogal – por considerarmos o fato de “saudad” ocorrer em final de enunciado, contexto propício para a não-realização da vogal átona de final de palavra. Observamos que essa escolha não implica afirmar que haja apenas uma motivação para a ausência de <e> em “saudad”.

<sup>16</sup> [S] é a representação do segmento palato-alveolar desvozeado, que pode ser grafado, em português, com <x>, em “xícara”, com <ch>, em “chácara”, por exemplo.

<sup>17</sup> Uma palavra prosódica é definida por sequência fônica que tem apenas um acento lexical, de modo que não há, necessariamente, coincidência entre palavra escrita e palavra prosódica; em “te adoro”, por exemplo, há duas palavras escritas, mas apenas uma palavra prosódica (porque apenas “do” em “adoro” é sílaba acentuada); em “tardezinha”, por sua vez, há uma palavra escrita, mas duas palavras prosódicas (porque há duas sílabas acentuadas, a saber, “tar” e “zi”).

<sup>18</sup> De uma perspectiva dos estudos discursivos, Galli (2008) discute e problematiza, em sua tese de doutoramento em Linguística Aplicada, os conceitos de leitor e de leitura no contexto das tecnologias digitais.

<sup>19</sup> A peça publicitária foi publicada em julho de 2005, período anterior, portanto, à vigência do acordo ortográfico que dispõe a grafia de “joia”.